

## Carta sobre Escrita - 13

Caras/os

Jovens Escritores Africanos

A escritora Annie Ernaux (n. 1940), «uma das vozes mais importantes da literatura francesa», foi distinguida em 2022 com o Prémio Nobel, sem dúvida o maior dos prémios literários. Não escreveu, porém, grandes e notáveis romances depois adaptados para grandes filmes. A sua obra versa sobre algo mais simples: episódios da sua vida. Mas, é claro, ao falar de si, de uma vida particular, ganha uma dimensão universal, pois uma vida comum tem muito de cada um de nós. Por exemplo nos livros já disponíveis em Portugal: a vida do pai e depois a da mãe, no livro duplo "Um Lugar ao Sol seguido de Uma Mulher" (1984 e 1988); uma paixoneta tendo ela já uma certa idade, em "Uma Paixão Simples" (1992); um aborto clandestino porque num tempo em que era proibido, em "O Acontecimento" (2000); ou o tempo comum de 1941 a 2006, em "Os Anos" (2008). Tudo temas acessíveis, podemos nós dizer. Entretanto, aguarda-se a chegada de novas traduções.

Então, se aquilo sobre que escreve está ao alcance de qualquer um de nós, por que razão é uma autora tão importante que mereceu o Nobel?

Porque escreve de uma forma superior, isto é, com uma qualidade literária superior. Simples, acessível, despojada, mas por isso mesmo de grande qualidade. Simples não quer dizer fácil, bem pelo contrário. Uma escrita simples, tal como uma escultura reduzida à sua forma mais simples, é aquela que se despiu de tudo o que não é necessário, que é supérfluo, inútil. Fica reduzida, ou melhor, potenciada ao essencial, àquilo que lhe dá força, poder, significado. É aí, justamente aí, que se afirma o trabalho literário de Annie Ernaux, que disse em entrevista ao Expresso (14.10.2022): "A literatura deve trabalhar para elevar o pensamento". Já estamos a perceber: ao trabalhar a linguagem sobre a nossa vida comum, Ernaux leva-nos a pensar melhor e mais alto sobre essa mesma vida. Dá-nos a ver, obriga-nos a observar o que, estando à vista, com facilidade nos passa despercebido. Ou talvez esteja ocultado de quem não quer ver, como por exemplo o aborto. O Comité Nobel justificou a atribuição do prémio "pela coragem e acuidade clínica com que desvenda as raízes, os estranhamentos e os constrangimentos coletivos da memória pessoal."

Escrever de modo literário não é apenas colocar, umas a seguir às outras, formando frases, as palavras que de imediato nos vêm à mente e à mão. Isso é não pensar, é deixar-se ir num pensamento já dado, já feito, pronto a consumir sem pensar. Por isso, certamente a autora utiliza a expressão "elevar o pensamento".

Esse trabalho oficial sobre a escrita é da maior importância. Annie Ernaux falou dele no discurso de receção do dito Prémio Nobel, em Estocolmo. "Por onde começar? Esta pergunta, fi-la dezenas de vezes ante a página em branco. Como se necessitasse encontrar a frase, a única, que me permitiria penetrar na escrita do livro e eliminaria, de um golpe, todas as

dúvidas.” E continua: “Encontrar a frase que me dará a liberdade e a firmeza de falar sem tremer, neste lugar para onde fui convidada esta tarde.”

Assim começam alguns dos seus livros. “Passei nas provas práticas do Capes, para ser professora, num liceu de Lyon, em Croix-rousse.” (Um Lugar ao Sol) / “A minha mãe morreu na segunda-feira 7 de Abril no lar de terceira idade do hospital de Pontoise, onde eu a colocara dois anos antes.” (Uma Mulher) / “A partir do mês de setembro do ano passado, não fiz mais nada a não ser esperar um homem: esperar que ele me telefonasse e que viesse a minha casa.” (Uma Paixão Simples). / “Desci até Barbès. Como da última vez, havia grupos de homens à espera junto ao metropolitano de superfície.” (O Acontecimento) / “Todas as imagens irão desaparecer.” (Os Anos)

Estamos a ver: nada de grandioso, que não fôssemos capazes de escrever também. Mas não escreveríamos assim, se fôssemos nós a escrever sobre aquilo de que trata cada um dos livros. Porque a pessoa comum fala, e escreve, de outro modo, com outra linguagem, apesar de na mesma língua.

Na referida entrevista ao Expresso diz: “Tento encontrar as palavras exatas. Não limpo. Não acrescento. Não adiciono. Penso na escrita e antecipo-a como um poeta a antecipa. Devo chegar ao coração das coisas.”

Mas Annie Ernaux não se limita a contar a sua vidinha. Não faz ficção, conta a vida vivida, em autobiografia. Mas não é a sua vida particular que interessa, são os problemas da vida, pensar e dar a pensar as situações da vida que precisam de ser repensadas, revistas, transformadas. Desde logo, a vida das mulheres. Ainda ao Expresso, diz: “Continuo a ser extremamente sensível ao poder, à dominação social, ao desprezo de classe. Permaneço, algures, numa gaiola de ressonância deste sentimento de vergonha social.” Isso, ser “gaiola de ressonância” daquilo que precisa de soar alto.

Annie Ernaux é trazida aqui para dizer-nos duas coisas, ambas de importância maior.

Primeira, não é por falta de assunto que não somos escritores, ou mesmo grandes escritores, é por falta de trabalho sobre a escrita. Problema que se resolve trabalhando. Quem caminha faz caminho, salvo se andar na rotunda do que diz ou escreve todos os dias.

Segunda, mais difícil: à nossa volta há vidas que merecem ser contadas e nós, tal como os nossos vinhos precisamos que elas sejam dadas a conhecer. Não têm de ser vidas mirabolantes, extraordinárias, raras. Cada vida é um mundo e contém nela toda a sociedade em que é vivida, bem como o mistério que é ser humano no mundo. Mas para isso é necessário que essas vidas sejam ditas e escritas por quem tiver poder narrativo, isto é, por quem souber dizê-las como elas merecem. Esse é o trabalho, constante, de um escritor: tornar a sua voz, a sua escrita, mais capaz de dizer o que precisa de ser dito. Daí a importância de ajudarmos a amadurecer vozes competentes que façam esse trabalho urgente, pois os guardiões da memória que ainda existem correm o risco de morrer e levar consigo um património imaterial insubstituível. Se não formos nós...

De que estamos à espera?

Janeiro de 2023

José Alves Jana